



**Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras**



Open access  free available online

Revista Brasileira de Extensão Universitária

v. 9, n. 2, p.83-91 mai.- ago. 2018 e-ISSN 2358-0399

DOI: <https://doi.org/10.24317/2358-0399.2018v9i2.7918>

originais recebidos em 10 de março de 2018

aceito para publicação em 05 de junho de 2018

Educação sexual e reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: avaliação de uma experiência de extensão universitária

Leandro Pedro Goloni Bertollo¹,

Rebecca Ranzani Martins²,

José Ricardo Carvalho de Mesquita Ayres³

Resumo: O projeto “Educação Sexual e Reprodutiva” é uma iniciativa de extensão universitária criada por estudantes de medicina que busca abordar, de forma interativa e inovadora, temas de grande relevância para adolescentes, geralmente negligenciados nas escolas brasileiras, como HIV/AIDS, aborto, gênero e orientação sexual. Três oficinas e uma gincana final foram realizadas junto a estudantes de uma escola pública de ensino médio. Para conduzi-las, alunos de graduação médica voluntários foram treinados por seus colegas, coordenadores da iniciativa, sendo previamente apresentados ao conteúdo teórico e preparados para uma abordagem horizontal e participativa junto aos escolares, ao modo da educação por pares. Para avaliação do impacto da intervenção, foram feitas análises qualitativa, com diários de campo, e quantitativa, com aplicação de questionários. Esses instrumentos evidenciaram um significativo aprendizado dos escolares sobre os assuntos trabalhados. Realizou-se também análise de impacto sobre os estudantes de medicina envolvidos no projeto, que demonstrou aumento do conhecimento teórico, ganho de confiança e fortalecimento da capacidade de argumentar contra atitudes preconceituosas. Os resultados do estudo afirmam o interesse do tema e da estratégia como prática extensionista, além de apontar aspectos que reclamam atenção e aprimoramento.

Palavras-chave: Jovens, Sexualidade, Ensino

Content shared under [Creative Commons Attribution 4.0 Licence](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) CC-BY

- 1 Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Departamento de Medicina Preventiva. Rua Oscar Freire, 2371, ap. 72 – Pinheiros – São Paulo - CEP 05409 012. bertolloleandro@gmail.com (autor para correspondência)
- 2 Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. rebeccarm102@gmail.com
- 3 Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. jrcayres@usp.br

Sexual and Reproductive Education for Adolescents as peer education: evaluating an academic community service initiative

Abstract: The “Sexual and Reproductive Education” project is an academic community service initiative created by medical students aiming to address, in an interactive and innovative way, topics of great importance for adolescents but generally neglected or poorly worked in Brazilian schools, such as HIV/AIDS, abortion, gender and sexual orientation. Workshops and a final playful competition were held at a public high school. To carry them out, volunteer medical students were trained by colleagues, being introduced to the theoretical base and prepared for a horizontal and participatory approach, in the sense of a peer education strategy. A qualitative analysis was performed to evaluate the intervention’s impact, with field diaries, and a quantitative one, with the application of questionnaires. These evaluation tools showed significant knowledge gain. We also carried out an analysis of the impact of the project on the undergraduate medical students involved in the initiative, which revealed an increase in the theoretical knowledge, gain in confidence and strengthening of the ability to argue against prejudiced attitudes. The study results stress the interest of the subject and strategy as an academic community service initiative but also highlight aspects that need attention and improvement.

Keywords: Youth, Sexuality, Teaching

Educación sexual y reproductiva para adolescentes como educación entre pares: evaluación de una experiencia de extensión universitaria

Resumen: El proyecto “Educación Sexual y Reproductiva” es una iniciativa de extensión universitaria por parte de estudiantes de medicina que busca abordar, de forma interactiva e innovadora, temas de gran relevancia para el adolescente, generalmente descuidados en las escuelas brasileñas, como HIV/AIDS, aborto, género y orientación sexual. Tres talleres y una actividad recreativo-educativa final fueron realizadas. Sus ejecutores, alumnos de graduación médica voluntarios, fueron previamente entrenados por otros alumnos, coordinadores de la iniciativa, con la intención de presentar el contenido teórico y prepararlos para un enfoque horizontal y participativo, en el sentido de la educación por pares. Para evaluar el impacto de la intervención sobre los alumnos se realizó un análisis cualitativo, con diarios de campo, y cuantitativa, con aplicación de cuestionarios. Estos instrumentos evidenciaron un significativo aprendizaje de los alumnos sobre los asuntos trabajados. También se realizó un análisis del impacto del proyecto sobre los estudiantes de graduación involucrados, por medio de cuestionarios. Hubo aumento del conocimiento teórico, de confianza y de la capacidad de argumentar contra los prejuicios. Los resultados del estudio afirman el interés del tema y de la estrategia como práctica extensionista, además de apuntar aspectos que reclaman atención y perfeccionamiento.

Palabras-clave: Jóvenes, Sexualidad, Enseñanza

Introdução

A Educação Sexual compreende uma abordagem educativa ampla, que inclui aspectos sociais, históricos, culturais e biológicos envolvidos na sexualidade humana. É fundamental, no seu desenvolvimento, a abertura de espaços de discussão e reflexão para estimular o espírito crítico dos envolvidos, indo além de uma transmissão unilateral de informações (MEIRA et al., 2006). Com isso em mente, estudantes de medicina se reuniram em torno de um projeto de extensão - o Projeto de Educação Sexual e Reprodutiva.

Foram escolhidas três temáticas da Educação Sexual – HIV/AIDS (incluindo prevenção de outras DSTs e gravidez); Orientação Sexual e Gênero (incluindo discussão sobre feminismo) e Aborto na óptica da Saúde Pública – a serem trabalhadas na forma de oficinas para alunos de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio na periferia da Grande São Paulo. A proposta

adotou como princípios pedagógicos: o distanciamento de uma atmosfera “de aula”, buscando não “ensinar” conteúdos, e sim discutir os temas; trabalho em pequenos grupos, para tornar o ambiente mais propenso à participação; uso de dinâmicas de grupo e recursos audiovisuais (vídeos e imagens), para facilitar a comunicação; escuta das demandas dos adolescentes para nortear as discussões; e respeito à diversidade e aos direitos humanos.

O grupo ao qual se dirigiu o projeto foi escolhido por sua necessidade de uma educação sexual consistente, levando em consideração o início de suas vidas sexuais e a preocupação com a exclusão e o *bullying* relacionados ao tema no ambiente escolar. Além disso, o contexto social desses alunos, em sua maioria negros, de baixa renda e estudantes da rede pública, alerta para situações de vulnerabilidade, para as quais contribui a pouca discussão sobre sexualidade nas escolas (AYRES et al., 2006).

Como Figueiró (2006) já afirmava: “Quando há uma negação de direitos sexuais e reprodutivos legitimada pela escola, esta acaba operando como produtora de vulnerabilidades”. Nessa perspectiva, apoiando-se no papel social da escola na construção do sujeito de direitos, a iniciativa priorizou estimular o senso crítico e a busca de empoderamento dos escolares (PAIVA; AYRES; GRUSKIN, 2010).

Visando minimizar as hierarquias na relação professor-aluno, procurou-se orientação na já bastante conhecida estratégia de *peer education*, isto é, “pessoas de grupos sociais semelhantes que não são professores profissionais ensinando umas às outras em uma via de mão dupla” (BURGESS; MCGREGOR; MELLIS, 2014). Essa perspectiva horizontal de aprendizagem marca o projeto em dois momentos: nas capacitações pré-oficinas, em que estudantes de medicina construíram juntos, treinando-se uns aos outros, os conteúdos e estratégias das atividades, e nas oficinas em si, com os escolares e os alunos da medicina pensando juntos sobre os temas do projeto. Embora oriundos de grupos sociais diversos, a proximidade etária entre os estudantes de medicina e os destinatários da educação sexual é um aspecto facilitador de uma abordagem menos estereotipada e de uma melhor comunicação sobre os temas abordados (BRETELLE et al., 2014).

Parte indissociável dessa experiência extensionista é, portanto, a formação dos alunos de medicina como educadores. Educar é uma habilidade frequentemente negligenciada na grade curricular dos cursos de medicina, apesar de ser elemento essencial da interação médico-paciente (BURGESS; MCGREGOR; MELLIS, 2014). A experiência com a educação sexual, tema por si só tão complexo, favorece a confiança desses estudantes ao abordar o assunto com seus futuros pacientes (FAULDER et al., 2004). Além disso, há evidências de que se preparar para ensinar, avaliar e dar *feedback* para alunos encoraja o educador a analisar e encontrar falhas no seu próprio conhecimento, aprofundando seu aprendizado. Outros ganhos profissionais identificados são: liderança, capacidade de *feedback*, solidariedade profissional, autonomia para aprender e habilidade de admitir incerteza (BURGESS; MCGREGOR; MELLIS, 2014).

A importância desse tipo de experiência torna-se mais visível ao analisarmos o ensino do tema nas escolas médicas do país. Recomenda-se, mundialmente, que a sexualidade seja incluída como tema transversal nos currículos (COLEMAN et al., 2013), no entanto, o que se observa são atividades com baixa carga horária, predominantemente teóricas e com ênfase no orgânico e patológico – embora a literatura recomende não dissociar aspectos biológicos, socioculturais e psicológicos na sua abordagem (RUFINO; MADEIRO; GIRAO, 2013).

Por fim, cabe ressaltar que, embora haja muitos relatos de experiências de Educação Sexual no ambiente escolar, permanece relevante sua investigação, visto que nenhum destes estudos aponta uma forma definitiva de realizá-la. Revisões sistemáticas trazem poucas conclusões e apontam para a necessidade de continuar a produzir e

avaliar estratégias (KIRBY et al. 1994, OAKLEY et al. 1995, MANLOVE et al. 2015, AZEVEDO et al. 2014).

Métodos

Após definidos e estudados os temas abordados pelo projeto e experiências de educação sexual em escolas (SOUZA et al. 2007, CONSTANTINE et al. 2015, PAIVA et al. 2004, AYRES et al. 2003, AYRES, 2002), foram elaboradas propostas de oficinas, identificando tópicos prioritários e modos de abordá-los. Resumidamente, a oficina de HIV incluiu: a diferenciação entre infecção por HIV e AIDS; a epidemiologia da infecção; conceitos de grupo e comportamento de risco e de vulnerabilidade; estigma do portador do HIV; modos de contágio e prevenção; como se testar; e tratamento. A oficina de Gênero e Orientação Sexual incluiu: diferença entre sexo, gênero e orientação sexual; o que é uma pessoa trans; estereótipos de gênero e sua implicação social; feminismo; discriminação de gênero; orientação sexual. A oficina sobre Aborto incluiu: legislação; relação entre criminalização e saúde pública; direitos humanos (com enfoque em direitos reprodutivos) e aborto; o panorama do aborto no Brasil; a criminalização do aborto e a saúde mental da mulher; o panorama do aborto no mundo; implicações socioeconômicas.

A construção das oficinas foi feita de forma conjunta pelos estudantes de medicina; se o debate participativo e horizontal era premissa para a interação com os escolares, fazia todo sentido que esse ambiente de livre discussão também fosse aplicado nas reuniões de construção das oficinas.

Após a conclusão do roteiro principal das oficinas, fez-se necessária a preparação dos voluntários. Em capacitações teóricas, os coordenadores do projeto apresentaram aos voluntários a base conceitual e a organização geral das atividades. Capacitações práticas utilizaram dinâmicas, com técnicas de *role-playing*: em duplas, os voluntários apresentavam parte da oficina aos colegas como um treino para conduzi-la com os adolescentes; a plateia era convidada a simular dúvidas e confrontos que poderiam surgir dos jovens. Sugestões eram incentivadas, procurando-se encontrar a forma mais simples e atraente para a apresentação dos conteúdos aos adolescentes (BERTOLLO et al. 2016).

Para a realização das oficinas, foram formados grupos de aproximadamente dez escolares, acompanhados por dois estudantes universitários, sendo um deles condutor da oficina e o outro observador e auxiliador das dinâmicas.

As atividades propostas envolviam debates, dinâmicas, apresentações de *slides*, análise de imagens e vídeos e, ao final, a elaboração pelos escolares de um cartaz sobre tema abordado, para ser exibido nas dependências da escola.

Foram realizadas três oficinas entre junho e setembro de 2016, uma para cada tema, com intervalo de cerca de um mês entre elas, e uma gincana final em novembro, para avaliar resultados em médio prazo.

A gincana final consistiu de jogos e brincadeiras com “competições” que combinavam o lúdico ao educativo, checando-se o quanto das oficinas realizadas havia sido incorporado ao repertório de conhecimentos e atitudes dos alunos. Ao final, além da premiação da equipe vencedora, foram distribuídos kits com balas, doces, camisinhas e folhetos informativos do Ministério da Saúde sobre DSTs. Aproveitou-se a oportunidade para realizar uma conversa e demonstração sobre uso de preservativos (Figuras 1 e 2).

Para avaliação do impacto do projeto com relação ao aprendizado dos adolescentes e a efetividade de suas

metodologias, foram utilizados dois instrumentos: questionários, para avaliação quantitativa, e diários de campo, para avaliação qualitativa. Os diários de campo foram responsabilidade do aluno observador de cada dupla de condutores, sendo elaborado a partir de orientações prévias pela coordenação do projeto. Eles deveriam conter: observações sobre o ambiente, resposta dos alunos às atividades realizadas, críticas e sugestões sobre as oficinas, comentários a respeito da forma como o condutor agiu e os seus impactos, comentários sobre organização, apresentação do projeto aos alunos e divisão em grupos.



Figura 1. Voluntários e coordenadores do projeto na Escola Estadual Graciliano Ramos.



Figura 2. Ambientação da gincana final na escola pública de ensino fundamental e médio, atendendo adolescentes de comunidades vulneráveis. A escola foi escolhida pela abertura às propostas do projeto e demanda pela discussão dos temas abordados.

O questionário respondido pelos escolares constou de seis perguntas testes sobre as três oficinas realizadas (ANEXO A1). Coletou-se também informação sobre idade e gênero dos alunos. Estes responderam ao mesmo questionário antes da primeira oficina e após a última oficina. Foram calculadas as médias e proporção de acertos às perguntas do questionário, e realizados teste t para avaliar a variação quanto às médias pré e pós-oficinas e teste qui-quadrado para avaliar a variação das proporções de acertos. Também foram realizados modelos de regressão de Poisson para estimar a razão de prevalência e os respectivos intervalos de 95% de confiança da associação entre a participação nas oficinas e a resposta às perguntas do questionário, ajustado por sexo e idade dos participantes. Com isto foi possível estimar o quanto a participação dos alunos nas atividades propostas impactaram seu grau de conhecimento sobre os temas trabalhados.

A avaliação do aprendizado dos voluntários, por sua vez, se deu em dois momentos. Antes das capacitações, foram convidados a preencher um questionário composto por perguntas fechadas e abertas (ANEXO A2). As perguntas fechadas pediam para o aluno graduar, em escala *Likert* de opinião de 1 a 7, seu grau de conhecimento teórico, motivação para falar sobre o tema, confiança para conduzir a oficina e responder dúvidas, capacidade de desconstruir argumentos preconceituosos com os adolescentes, capacidade de se posicionar frente a argumentos de caráter religioso, preconceito em relação a cada um dos temas e se acreditavam que essa experiência seria importante para sua carreira acadêmica/profissional. As perguntas abertas abriam espaço para que o aluno escrevesse as principais dificuldades e limitações próprias que esperava encontrar ao conduzir as oficinas. Em um segundo momento, após as oficinas, os voluntários deveriam responder às mesmas perguntas fechadas e abertas para avaliar melhorias em seu conhecimento teórico-prático, e duas novas perguntas abertas simples, sobre os pontos positivos e os pontos negativos da experiência (ANEXO A3). No momento pós-oficinas, os questionários foram aplicados *online* (via *google forms*). Foi feita uma análise descritiva desses resultados, visto que o baixo número de questionários tornaria uma análise estatística muito trabalhosa (estatística de pequenos números) e de relação custo-benefício pouco vantajosa, considerando o perfil do estudo.

Para a participação no projeto, além da anuência formal da direção da escola, foi obtido termo de assentimento e consentimento livre e esclarecido (TCLE) dos escolares e responsáveis, bem como dos estudantes universitários, com os devidos trâmites institucionais de aprovação ética (protocolo FMUSP 273/17).

Resultados

Impacto no aprendizado dos adolescentes - análise quantitativa por questionários

Foram coletados 82 questionários pré-oficina e 91 pós-oficina. A diferença numérica se explica por eventuais faltas dos alunos.

Observou-se aumento da média de acertos dos questionários, que apresentou média de 3,3, nos momentos pré-oficina e de 4,3 após as oficinas ($P < 0.001$). Análises do desempenho em cada questão por meio de teste qui-quadrado são apresentadas na Tabela 1.

As associações se mantiveram estatisticamente significantes após ajuste por sexo e idade. Houve um aumento significativo na proporção de acertos nas questões 2, 3, 4 e 5. A magnitude do aumento na proporção de acertos variou de 22% na questão 5 a aproximadamente 2,5 vezes (164%) na questão 3 (Tabela 2).

Resultados referentes à análise qualitativa das oficinas pelos diários de campo

Quanto aos diários de campo, foram coletados 11 diários para a oficina de HIV e AIDS, oito para a oficina de gênero e orientação sexual e três para a oficina de aborto. O decréscimo dos registros prejudicou a qualidade dessa fonte informação, e deveu-se à baixa adesão dos voluntários à sua realização. De todo modo, na leitura dos registros, chama a atenção a heterogeneidade entre os grupos quanto à impressão sobre o grau de participação dos escolares, e a recorrente referência à falta de atenção. A maioria dos diários atribui isso à falta de interesse ou de maturidade dos escolares; por serem muito jovens, não vivenciavam ainda o que estava sendo discutido. Houve, não obstante, registros muito positivos, relatando abertura, disposição e maturidade dos adolescentes. Discute-se a seguir um pouco sobre a análise de cada oficina.

Tabela 1: Comparação da porcentagem de acertos dos escolares na resposta às questões do questionário aplicado antes e após a realização das oficinas de educação sexual.

	Pré-oficinas		Pós-oficinas	
	% acertos		% acertos	P-valor
Questão 1	96,34		97,80	0,567
Questão 2	26,83		61,54	<0,001
Questão 3	21,95		53,85	<0,001
Questão 4	52,44		82,42	<0,001
Questão 5	74,39		86,81	0,038
Questão 6	56,10		48,35	0,309

Tabela 2: Associação entre participação dos escolares nas oficinas e variação na proporção de acertos às questões do questionário aplicado antes e após a realização das oficinas de educação sexual.

	Razão de prevalência	IC 95%	P-valor
Questão 1	1,01	0,97 - 1,06	0,553
Questão 2	2,43	1,60 - 3,70	<0,001
Questão 3	2,64	1,68 - 4,15	<0,001
Questão 4	1,81	1,45 - 2,27	<0,001
Questão 5	1,22	1,06 - 1,40	0,004
Questão 6	0,95	0,70 - 1,29	0,752

Tabela 3: Avaliação de conhecimentos, habilidades e atitudes dos voluntários do projeto nos períodos de pré-capacitação e pós-oficinas, com médias dos escores obtidos nos dois momentos e variação percentual (parênteses).

	Pré-capacitação			Pós-oficinas		
	HIV	Gênero	Aborto	HIV	Gênero	Aborto
Conhecimento teórico	5	5	4,6	5,8 (↑16%)	5,4 (↑9%)	5,2 (↑12%)
Motivação em falar sobre os temas	6,3	6,2	6	6,3 (igual)	6,5 (↑5%)	6,7 (↑12%)
Confiança em conduzir as oficinas e responder dúvidas	5	4,9	4,3	5,6 (↑11%)	5,7 (↑16%)	5 (↑17%)
Capacidade de desconstruir argumentos preconceituosos	5,3	4,9	4,6	6,1 (↑14%)	5,4 (↑9%)	5,7 (↑23%)
Capacidade de posicionamento frente a argumentos religiosos	5,4	5	4,4	5,4 (igual)	4,9 (↓1%)	5,5 (↑24%)
Importância atribuída ao projeto para a vida acadêmica/profissional	6,5	6,5	6,5	6,4 (↓2%)	6,4 (↓3%)	6,7 (↑2%)
Preconceito pessoal em relação ao tema	6,2	5,9	6,2	6,3 (↑1%)	6,1 (↑3%)	6 (↓3%)

Oficina HIV e AIDS - A estruturação da oficina e a quase totalidade dos materiais e dinâmicas elaborados foram descritos como eficientes pelos redatores dos diários. Quanto a pontos negativos específicos levantados, o mais prevalente nos diários foram problemas na discussão de aspectos epidemiológicos relacionados ao HIV com os adolescentes (não entendimento e pouco interesse por parte dos alunos). Outra dificuldade relatada foi o fato de muitos deles não estarem familiarizados com os estigmas historicamente relacionados ao HIV/AIDS, o que tornou mais difícil a estratégia pedagógica planejada, que partia de sua problematização.

Oficina Gênero e Orientação Sexual - Os diários foram unânimes em que a estruturação da oficina foi muito útil no encadeamento lógico das ideias e progressão do raciocínio. Os diários apontaram as discussões de estereótipos de gênero como momento chave de conquista da atenção e participação dos alunos, sendo o subtema de maior interesse. Houve percepção, porém, de menor interesse dos meninos nesta oficina.

Oficina Aborto e Saúde Pública - Foram relatados problemas na estrutura da oficina, com momentos de grande participação e outros monótonos, excessivamente teóricos e abstratos, com pouco interesse dos alunos. Os condutores também tiveram dificuldade de estabelecer

uma linha de raciocínio, porque os subtemas não lhes pareceram bem articulados entre si. Entretanto, os redatores dos diários apontaram que os materiais e dinâmicas foram efetivos e bem recebidos. Houve, nesta oficina, mais enfrentamentos de cunho moral/religioso do que nas outras oficinas, mas de modo geral os condutores souberam conduzi-los de forma adequada.

Resultados quanto às opiniões dos acadêmicos de medicina envolvidos no projeto - questionários pré e pós-experiência

Foram coletados 22 questionários pré-capacitação de HIV, 24 questionários pré-capacitação de Gênero e 23 questionários pré-capacitação de Aborto. Após cada oficina, foram coletados 16 questionários para HIV, 14 questionários para Gênero e 12 questionários para Aborto. Apesar de que cerca de 25 alunos participaram de cada oficina, houve um número menor de respostas aos questionários pós-oficinas. Essa perda foi atribuída ao fato destes questionários terem sido aplicados *online*. A comparação dos resultados quantitativos destes questionários está exposta na Tabela 3. Para cada item do questionário foram calculadas as médias aritméticas simples das notas atribuídas como respostas pelos participantes. A *performance* pré-capacitação e pós-oficina foi comparada e expressa em termos de variação percentual.

Nas perguntas abertas, as principais preocupações relatadas antes das experiências podem ser resumidas como: a) falta de *confiança*; b) falta de *conhecimento teórico* c) receio de assumir *posição de autoridade*; d) receio de reproduzir uma *aula tradicional*; e) sentir dificuldade de resolver *conflitos* e de não reagir apropriadamente a questionamentos de ordem *preconceituosa e religiosa*; f) ser capaz de *explicações*: torná-las “claras”, “didáticas”, acessíveis (ao contexto sociocultural dos jovens) e transparecendo a seriedade do assunto; g) desejo de criar *vínculos* e estabelecer espaço confortável para tirar dúvidas; h) saber amenizar “brincadeiras” e “bagunça”; despertar e manter *interesse* na discussão; i) saber lidar com *imprevistos*.

Foi observado que praticamente todos os receios descritos antes das capacitações corresponderam a dificuldades vividas, em maior ou menor grau, na realização das oficinas. Por outro lado, muitos pontos positivos do Projeto foram relatados pelos voluntários. A realização pessoal foi menção recorrente: poder “fazer a diferença”, “contribuir com a sociedade”, interromper a reprodução de preconceitos e concorrer para a redução de vulnerabilidades. Apesar das dificuldades vividas, os voluntários relataram diminuição do medo de falar em público e aumento do seu conhecimento sobre sexualidade. A experiência reforçou a importância de falar sobre os temas, mesmo que sejam considerados polêmicos ou tabus. Também valorizaram positivamente a experiência de extensão universitária (“sair da sala de aula”, “abrir as portas da universidade”).

Discussão

A análise dos questionários mostrou uma aquisição de aprendizado significativa entre os alunos do ensino médio, mas de modo heterogêneo se analisado questão por questão.

Nota-se que as questões 3 e 4, relativas à oficina de Gênero e Orientação Sexual, apresentaram significativa melhora no índice de acertos, o que é coerente com a impressão, no relato dos diários de campo, desta ter sido a oficina melhor estruturada.

Quanto à oficina de HIV e AIDS, a questão 1 não apresentou melhora significativa no índice de acertos, enquanto a questão 2 sim. A questão 1, que já apresentava bom índice de acertos antes da oficina, perguntava sobre aspectos ligados à epidemiologia do HIV e estigmas relacionados, e os diários apontaram que os alunos não demonstravam reproduzir estes estigmas, o que, de certa forma, prejudicou a estratégia da oficina, conforme apontado acima. Já a questão 2 trabalhava noções práticas sobre o diagnóstico do HIV, havendo significativa melhora no índice de acerto, condizendo com a efetividade da abordagem deste subtema relatada nos diários. Houve, inclusive, menção específica em vários diários que um dos pontos que mais surpreendeu os alunos foi saber que eles podiam ser testados sem necessidade da presença dos pais.

Em relação à oficina de aborto, a questão 5 apresentou significativa melhora no índice de acertos, e a questão 6 não apresentou diferença estatisticamente significativa. A questão 5 versava sobre as consequências em saúde pública da criminalização do aborto. Os diários descrevem que este foi um ponto bem entendido pelos alunos, até porque foi o foco central da oficina, sendo bem discutido. Já a questão 6 abordou a relação do aborto com direitos humanos e aspectos sociais, e os diários descrevem enfrentamentos dos alunos quanto ao aborto como direito humano. Uma possível interpretação para esses achados é que a oficina não tenha alcançado sucesso em demonstrar como os direitos humanos permitem uma leitura sobre o aborto e suas consequências que difere de posicionamentos morais ou religiosos e escolhas de natureza pessoal.

É interessante notar que, apesar de ter sido a oficina com maior descrição de dificuldades, e piores resultados nos questionários, a oficina de Aborto foi onde os voluntários mais relataram incremento de competências, segundo sua autopercepção (maior ganho de motivação e confiança, maior ganho nas capacidades de argumentação, segundo maior ganho de conhecimento). Isso reforça a impressão de que a oficina de Aborto foi mais proveitosa para os estudantes de medicina do que para os adolescentes, apesar do intenso debate nos grupos. Além disso, o assunto considerado mais polêmico foi o que levou ao maior ganho de motivação entre os voluntários, o que leva a pensar que o desafio foi a maior fonte de estímulo.

Os resultados também apontam para uma melhora global na aquisição de conhecimento teórico sobre os temas pelos voluntários, além de capacidades comunicativas e

de ensino, combinação de desenvolvimento de habilidades que pode ser atribuído à experiência da extensão universitária, com o aprendizado em campo e aplicado a um contexto sociocultural. Trabalhos recentes na literatura apontam benefícios semelhantes em relação aos participantes da atividade extensionista, como, por exemplo, a aproximação do futuro professor às situações de ensino, o desenvolvimento do aprender a ensinar, a conscientização acadêmica para as questões sociais, a percepção da importância de uma atuação voltada às necessidades da sociedade e o entendimento do papel da universidade pública quanto à sua atuação voltada para o benefício da sociedade (NOZAKI; FERREIRA; HUNGER, 2015, SANTOS et al. 2013, MATTHEWS, 2012). Em relação à aquisição de conhecimento acadêmico, a literatura traz alguns debates interessantes sobre o papel da extensão universitária. Embora revisão sistemática tenha demonstrado aumento de conhecimento como um dos mais importantes resultados associados às práticas de extensão (CONWAY; AMEL; GERWIEN, 2009), discute-se se a avaliação deste ganho de conhecimento é feita de forma adequada nos trabalhos (HÉBERT; HAUF, 2015).

Conclusões

O projeto se mostrou efetivo no seu objetivo de transmitir conhecimento aos adolescentes. Notou-se também que os adolescentes não traziam os preconceitos e estigmas comuns quanto ao HIV, talvez por estarem mais distantes do cenário da década de 1980, no início da epidemia do HIV, em que estes preconceitos e estigmas eram muito acentuados. Por outro lado, o entendimento da esfera de direitos humanos, ligada à discussão do aborto, não foi bem compreendida e explorada nas oficinas.

A estrutura e materiais das oficinas mostraram-se úteis para promover a discussão sobre as temáticas propostas e despertar seu interesse. Necessidades de ajustes foram também observados, especialmente no que se refere às discussões sobre a epidemiologia do HIV e a abordagem dos direitos humanos à questão do aborto.

De forma geral, os resultados em relação aos voluntários se mostraram satisfatórios por mostrarem a efetividade do Projeto em melhorar competências-chave na formação em medicina, com aquisições de conhecimento teórico, autoconfiança e capacidade argumentativa. Outros pontos considerados ganhos fundamentais por parte dos estudantes universitários foram a vivência de uma realidade diferente da sua, no espaço da escola pública e de comunidades socialmente mais vulneráveis, e a vivência da extensão universitária, que promove um tipo de aprendizado mais comprometido com a mudança dessas situações.

Reforça-se, portanto, a relevância da extensão universitária e o método de *peer education* como via efetiva de educação sobre sexualidade dentro das escolas médicas, não apenas como forma de expandir o conhecimento do aluno, mas também de ampliar seu

horizonte sociocultural e melhorar sua comunicação médico-paciente.

Agradecimentos

À Leandro Rezende, Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP, pelo auxílio na interpretação dos dados estatísticos.

Contribuições de cada autor

Os autores L. P. G. B. e R. R. M. elaboraram, executaram o projeto e redigiram o artigo. J. R. C. M. A. orientou o projeto e participou da redação do artigo.

Referências

- AYRES, J. R. C. M. Educational practices and the prevention of HIV/Aids: lessons learned and current challenges. **Interface (Botucatu)**, v. 6, n. 11, p. 11-24, 2002.
- AYRES, J. R. C. M. et al. Adolescence and Aids: evaluation of a preventive education experience among peers. **Interface (Botucatu)**, v. 7, n. 12, p. 113-28, 2003.
- AYRES, J. R. C. M. et al. Vulnerability, Human Rights and Comprehensive Health Care Needs of Young People Living With HIV/AIDS. **American Journal of Public Health**, v. 96, n. 6, p. 1001-1006, 2006.
- AZEVEDO, B. D. S. et al. Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar no Brasil. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 315-334, 2014.
- BERTOLLO, L. P. G. et al. A new experience with capacitations for sexual and reproductive health promotion projects. In: IUHPE WORLD CONFERENCE ON HEALTH PROMOTION, 22, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/sYrznP4qpxM>>. Acesso 08 mar. 2018.
- BRETELLE, F. et al. Medical students as sexual health peer educators: who benefits more? **BMC Medical Education**, v. 14, p.162, 2014.
- BURGESS, A.; MCGREGOR D.; MELLIS C.; Medical students as peer tutors: a systematic review. **BMC Medical Education**, v. 14, p. 115, 2014.
- COLEMAN, E. et al. Summit on Medical School Education in Sexual Health: Report of an Expert Consultation. **The Journal of Sexual Medicine**, v. 10, n. 4, p. 924 – 938, 2013.
- CONSTANTINE, N. A. et al. Short-term effects of a rights-based sexuality education curriculum for high-school students: A Cluster-Randomized Trial. **BMC Public Health**, v. 15, p. 293, 2015.

- CONWAY, J. M.; AMEL, E. L.; GERWIEN, D. P. Teaching and learning in the social context: A meta-analysis of service learning's effects on academic, personal, social, and citizenship outcomes. **Teaching of Psychology**, vol. 36, n. 4, p. 233-245, 2009.
- FAULDER, G. S. et al. Teaching sex education improves medical students' confidence in dealing with sexual health issues. **Contraception**, v. 70, n. 2, p. 135-139, 2004.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas** [online], v. 7, n. 1, 2006.
- HÉBERT, A.; HAUF, P. Student learning through service learning: Effects on academic development, civic responsibility, interpersonal skills and practical skills. **Active Learning in Higher Education**, vol. 16, n. 1, p. 37-49, 2015.
- KIRBY, D. et al. School-based programs to reduce sexual risk behaviors: a review of effectiveness. **Public Health Reports**, v. 109, n. 3, p. 339-360, 1994.
- MANLOVE, J.; HEATHER, F.; MOORE, K. A. Programs to Improve Adolescent Sexual and Reproductive Health in the US: A Review of the Evidence. **Adolescent Health, Medicine and Therapeutics**, v. 6, p. 47-79, 2015.
- MATTHEWS, P. H. Developing and Evaluating a Student Scholars Program to Engage Students with the University's Public Service and Outreach Mission. **Journal of Higher Education Outreach and Engagement**, v. 16, n. 4, p. 165-179, 2012.
- MEIRA, M. E. M.; QUEIROZ, A. B.; DE OLIVEIRA, I. A.; MORAES, R. Q.; OLIVEIRA, T. H. Psicologia escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, p. 20, 2006.
- NOZAKI, J. M.; FERREIRA, L. A.; HUNGER, D. A. C. F. Evidências formativas da extensão universitária na docência em Educação Física. **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 9, p. 228-241, 2015.
- OAKLEY, A. et al. Sexual health education interventions for young people: a methodological review. **British Medical Journal**, v. 3, n. 10, p. 158, 1995.
- PAIVA, V.; AYRES, J. R. C. M.; GRUSKIN, S. Being young and living with HIV: the double neglect of sexual citizenship. In: Aggleton, P.; Parker, R. (eds.). **Routledge Handbook of Sexuality, Health and Rights**. 1ed. New York: Routledge, 2010, p. 422-430.
- PAIVA, V.; AYRES, J. R. C. M.; FRANCA JUNIOR, I. Expanding the flexibility of normative patterns in youth sexuality and prevention programs. **Sexuality Research & Social Policy**, v. 1, p. 83, 2004.
- RUFINO, A. C.; MADEIRO, A. P.; GIRAO, M. J. B. C. O. Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 2, p. 178-185, 2013.
- SANTOS, A. B.; ABIB, S. W.; SANTOS, V. M. M.; SOUZA, S. S.; GOMES, N. P. Extensão universitária: a visão de acadêmicos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). **Em Extensão**, v. 12, n. 2, p. 9-22, 2013.
- SOUZA, M. M. et al. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 1, p. 102-105, 2007.

 Como citar este artigo:

BERTOLLO, L. P. G.; MARTINS, R. R.; AYRES, J. R. C. M. Educação sexual e reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: avaliação de uma experiência de extensão universitária. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 9, n. 2, p. 83-91, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/7918/pdf>>

ANEXO A1

Questionário respondido pelos escolares, aplicado antes e após as oficinas.

Idade: Gênero:

1. Sobre a infecção pelo HIV, assinale a resposta CERTA:
A-) A infecção ocorre APENAS em homossexuais, prostitutas e usuários de drogas injetáveis, que são grupos de risco.
B-) Qualquer pessoa pode se contaminar por meio de sexo desprotegido e materiais perfurocortantes (agulhas, por exemplo) contaminados.
C-) Quase não há heterossexuais contaminados pelo vírus e, por isso, a infecção por HIV é uma “doença de gay”.
2. Sobre o diagnóstico para a infecção pelo HIV, assinale a resposta CERTA.
A-) Só posso me testar em hospitais e com acompanhamento dos pais.
B-) Posso me testar apenas quando fizer 18 anos.
C-) Posso me testar sem acompanhamento dos pais, de forma sigilosa.
3. Sobre os conceitos de Genitália, Gênero e Orientação Sexual de um indivíduo, assinale a resposta CERTA.
A-) Genitália: pênis ou vagina, determina se alguém é homem ou mulher;
Gênero: é o mesmo que orientação sexual e refere-se a se uma pessoa é homo ou heterossexual.
B-) Genitália: pênis ou vagina, NÃO determinam se alguém é homem ou mulher;
Gênero: refere-se a como a pessoa se sente com relação a ser homem ou mulher;
Orientação sexual: pessoas que têm atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo gênero que o seu são homossexuais e pessoas que têm atração por pessoas de outro gênero são heterossexuais.
C-) Genitália: pênis ou vagina, determina se alguém é homem ou mulher;
Gênero: não importa para definir se alguém é homem ou mulher;
Orientação sexual: se a pessoa é masculina ou feminina.
4. Sobre o feminismo, assinale a resposta CERTA:
A-) É o oposto de machismo.
B-) É um movimento por igualdade de gêneros, visando o fim de desigualdades como salários menores, submissão ao homem, violência doméstica e sexual.
C-) É um movimento sem sentido, pois as mulheres já têm os mesmos direitos que os homens e não existe mais machismo.
5. Sobre a criminalização do aborto e suas consequências, assinale a alternativa CERTA:
A-) Aumenta a taxa de mortalidade materna, já que os abortos ilegais são realizados em condições precárias.
B-) Diminui o número de abortos que, inclusive, já é quase zero.
C-) Não tem relação com a saúde mental da mulher, porque desta forma o aborto é realizado de forma segura e com todo apoio necessário.
6. Sobre a criminalização do aborto e implicações socioeconômicas, assinale a alternativa CERTA:
A-) Desrespeita direitos reprodutivos das mulheres.
B-) É uma forma de injustiça social, por afetar mais as mulheres pobres e sem condições de acesso a clínicas seguras que são mais caras.
C-) A e B estão corretas.

ANEXO A2

Questionário aplicado aos voluntários do projeto no momento da pré-capacitação para a oficina HIV/AIDS. Os questionários para as demais oficinas no momento da pré-capacitação mantiveram a mesma estrutura e conteúdo.

QUESTIONÁRIO PRÉ-CAPACITAÇÃO – HIV/AIDS

IDENTIFICAÇÃO

Nome (somente iniciais):

Ano da graduação:

INSTRUÇÕES

Você deverá responder cada uma das perguntas com uma nota de 1 a 7, sendo 1 a pior nota possível e 7 a melhor nota possível. Você pode concordar ou discordar parcialmente com a pergunta assinalando as notas intermediárias de 2 a 6, sendo 4 uma nota neutra.

Sobre o tema: HIV/AIDS

1) Como você avalia seu conhecimento teórico sobre o tema?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2) Você se sente *motivado* a falar desse tema com adolescentes?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3) Você se sente *confiante* para conduzir essa oficina e responder dúvidas dos adolescentes?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4) Você se sente capaz de desconstruir argumentos de caráter preconceituoso que podem surgir durante a discussão com os jovens?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

5) Você saberia se posicionar frente a argumentos de caráter religioso que podem surgir durante a discussão com os jovens?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

6) Você acredita que esse projeto será importante para sua vida acadêmica/profissional?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

7) Você acredita ter algum tipo de preconceito em relação ao tema?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Quais limitações *próprias/pessoais* você pensa que irá ter ao conduzir as oficinas? (resposta livre)Quais dificuldades *com os adolescentes* você mais espera encontrar ao conduzir as oficinas? (resposta livre)

ANEXO A3

Questionário aplicado aos voluntários do projeto no momento pós-oficina de HIV/AIDS. Os questionários para as demais oficinas no momento pós-oficinas mantiveram a mesma estrutura e conteúdo.

QUESTIONÁRIO PÓS-OFFICINAS – HIV/AIDS

IDENTIFICAÇÃO Nome (somente iniciais):

Ano da graduação:

INSTRUÇÕES

Você deverá responder cada uma das perguntas com uma nota de 1 a 7, sendo 1 a pior nota possível e 7 a melhor nota possível. Você pode concordar ou discordar parcialmente com a pergunta assinalando as notas intermediárias de 2 a 6, sendo 4 uma nota neutra.

Sobre o tema: HIV/AIDS

1) Como você avalia seu conhecimento teórico sobre o tema?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2) Você se sentiu *motivado* a falar desse tema com adolescentes?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3) Você se sentiu *confiante* para conduzir essa oficina e responder dúvidas dos adolescentes?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4) Você se sentiu capaz de desconstruir argumentos de caráter preconceituoso que surgiram durante a discussão com os jovens?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

5) Você soube se posicionar frente a argumentos de caráter religioso que surgiram durante a discussão com os jovens?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

6) Você acredita que esse projeto será importante para sua vida acadêmica/profissional?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

7) Você acredita ter algum tipo de preconceito em relação ao tema?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Quais limitações *próprias/pessoais* você teve ao conduzir as oficinas? (resposta livre)

Quais dificuldades *com os adolescentes* você encontrou ao conduzir as oficinas? (resposta livre)

Cite pontos positivos dessa experiência.

Cite pontos negativos dessa experiência.